

CORPO E TRABALHO CORPORAL EM GESTALT-TERAPIA: DELINEAMENTOS CONCEITUAIS

BODY AND BODY WORK IN GESTALT THERAPY: CONCEPTUAL FRAMEWORKS

Eline Cristiane Rodrigues Ribeiro¹
Sheron Dayane Vilela de Souza²

Recebido em: 18/10/2023 – Aceito em: 18/10/2023 – Publicado em: 25/10/2023.

RESUMO

Há muito tempo, o corpo vem sendo objeto de estudo da ciência, assim, filósofos da antiguidade já versavam acerca dessa unidade. Porém, mais que um conceito meramente teórico, mediado por palavras, para Gestalt-terapia o corpo é fenomenológico, à medida em que confere significado ao mundo. Dado seu caráter, não é um fenômeno fixo e acabado, mas em constante reconstrução, assim, ao falar sobre as conceituações de corpo neste trabalho, partimos desse pressuposto, do corpo como algo inacabado e em movimento. Por meio dessa revisão bibliográfica, buscou-se compreender a construção do conceito de corpo e trabalho corporal mediante as percepções e narrativas teóricas dos seguintes autores da Gestalt-terapia: James I. Kepner, Ruella Frank, Laura Perls, Mônica Botelho Alvim, Serge Ginger e Frederick Perls. Percebeu-se que a ênfase no corpo na Gestalt-terapia ainda é uma lacuna a ser preenchida, apesar disso, entende-se que a comunicação corporal do cliente se apresenta como um sistema inteligente de expressões, onde é revelado sua autenticidade, por isso, deve ser valorizado no setting terapêutico.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia; Corpo; Trabalho corporal.

ABSTRACT

For a long time, the body has been the object of study of science, so philosophers of antiquity already talked about this unit. However, more than a merely theoretical concept, mediated by words, for Gestalt-therapy the body is phenomenological, as it gives meaning to the world. Given its character, it is not a fixed and finished phenomenon, but in constant reconstruction, so, when talking about the concepts of the body in this work, we start from this assumption, of the body as something unfinished and in motion. Through this literature review, we sought to understand the construction of the concept of body and body work through the perceptions and theoretical narratives of the following authors of Gestalt-therapy: James I. Kepner, Ruella Frank, Laura Perls, Mônica Botelho Alvim, Serge Ginger and Frederick Perls. It was noticed that the emphasis on the body in Gestalt-therapy is still a gap to be filled, despite this, it is understood that the client's body communication presents itself as an intelligent system of expressions, where its authenticity is revealed, therefore, should be valued in the therapeutic setting.

Keywords: Gestalt-Therapy; Body; Body work.

¹ Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: elinecristiane277@gmail.com

² Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: sherondvs@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O conceito de corpo foi e é uma construção que se perpassa ao longo do tempo, possuindo uma historicidade por meio da qual se molda a visão social e cultural bem como a perspectiva individual subjetiva. Dessa forma, o que se entende por corpo consiste em uma construção social, como aborda Marcel Mauss (1974) ao tecer uma discussão antropológica intitulada “As técnicas corporais”, e por técnicas corporais, Mauss entende “as maneiras como os homens sabem servir-se de seus corpos” (1974, p. 211), isto é, a forma como o sujeito se relaciona com o seu corpo e o posiciona no mundo.

Pela comparação dos aspectos corporais de diferentes culturas, como a forma de sentar, conversar, comer, dormir, entre outros, Mauss demonstrou como estes variam de uma cultura para a outra e são atravessados socialmente e historicamente. Desse modo, as formas do sujeito relacionar-se e colocar-se no mundo são, portanto, um fenômeno que abrange as dimensões — tanto psicológica, social bem como biológica — da experiência individual e social, integrando as representações coletivas e formas pelas quais a vida social se revela (Maluf *et al.*, 2010).

Assim, desde os filósofos gregos como Platão (428-347 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C), passando pela era Renascentista, quando as concepções de corpo se fundamentaram em ideais religiosos, morais e filosóficos com o mundo medieval guiado pela teologia católica, dentro da qual o corpo era visto como fonte de corrupção e decadência moral, transcorrendo pela ruptura desses conceitos como o hedonismo (busca pelo prazer), chegando ao pensamento cartesiano o qual institui a dicotomia corpo e mente, o corpo como matéria “*res extensa*” e a mente como faculdade pensante “*res cogitans*” (Dumont *et al.*, 2005), o questionamento se perpetuou: O que é o corpo? E como sendo uma construção social, histórica, temporal e cultural essa resposta foi se modificando ao longo da história.

Porém, mais que um conceito meramente teórico mediado apenas por palavras, o corpo é fenomenológico à medida em que confere significado ao mundo, e dado seu caráter fenomenológico, não é um fenômeno fixo, acabado, mas em constante concepção. Assim, ao falar sobre conceituações de corpo neste trabalho, partimos desse pressuposto, do corpo como algo inacabado e que está em constante movimento de construção.

Considerar o corpo em movimento como um sistema autopoietico é reconhecê-lo como fenômeno que não se reduz à causalidade linear; é considerar ainda que o ser humano não

Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

seja um ser determinado, mas uma criação contínua. É, por fim, uma tentativa de abordar a corporeidade não como algo abstrato, é recusar as dicotomias, é ensaiar atitudes complexas para compreender o humano e sua condição de ser corpóreo em incessante movimento, admitindo diferentes interpretações, pautadas na circularidade ou recursividade dos fenômenos (Nóbrega, 2008, p. 145).

Para mais, por que é importante para a psicologia ocupar-se em considerar o corpo? E mais especificamente, a Gestalt-terapia? Maurice Merleau-Ponty (1908- 1961), filósofo e fenomenólogo francês, aponta:

Ocupar-se de psicologia é necessariamente encontrar, abaixo do pensamento objetivo que se move entre as coisas inteiramente prontas, uma primeira abertura às coisas sem a qual não haveria conhecimento objetivo. O psicólogo não podia deixar de redescobrir-se enquanto experiência, quer dizer, enquanto presença sem distância ao passado, ao mundo, ao corpo e ao outro, no momento mesmo em que ele queria perceber- se como objeto entre os objetos (1999, p. 142).

O pensamento dicotômico instituído por Descartes acarretou essa visão de separação entre corpo e mente. Para a ciência o corpo torna-se objeto, ignorando assim, a subjetividade de sua essência material, já a psicologia ocupou-se da subjetividade (Seberna e Raffaelli, 2003). Merleau-Ponty se opôs fortemente, tanto ao pensamento do subjetivismo filosófico como também ao objetivismo científico, em suas formulações, o autor ressalta a importância de romper com a ideia corpo- objeto e considerar o corpo-vivido, a partir de uma percepção fenomenológica.

O filósofo Maurice Merleau-Ponty escreveu há muitos anos que “a mente que percebe é uma mente encarnada”. Ele comparou o vínculo entre alma e corpo ao que existe entre o convexo e o côncavo. Ele acreditava, em outras palavras, que a diferença mente-corpo era de perspectiva e descrição, e nos deixou uma filosofia de intersubjetividade incorporada (Orange, 2010, p. 15).

Na visão tradicional, a percepção era entendida através de uma abordagem intelectualista, portanto, o sentido era percebido na consciência. Já a abordagem empirista entendia que o sentido estava no objeto, porém, para Merleau-Ponty o sentido não se revela por pólos isolados, mas sim da relação entre eles, e esta relação é mediada por meio do corpo, pois este possibilita a consciência do mundo (Dos Reis, 2011). Levando em consideração que a condição da existência é corporificada, o indivíduo é no mundo como corpo e é por meio disso que o contato é possível, ao passo que, “o corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (Merleau- Ponty, 2006, p. 203, *apud* Reis, 2011, p. 39).

Assim, Merleau-Ponty compreende o corpo como meio do conhecimento da essência

daquilo que é singular ao sujeito, um saber que antecede o conhecimento reflexivo mas não o anula, isto é, o homem não é somente corpo, bem como a subjetividade, não está presente somente no aspecto inteligível, e aponta para o “Corpo que não nega ou aparta sua subjetividade, mas sim, afirma sua singularidade móvel e sua parcialidade perspectivista” (Costa *et al.*, 2008, p. 518).

Portanto, ao não preocupar-se em compreender o corpo, sendo este no sentido de corpo dotado de subjetividade, entende-se que ao ignorá-lo ou dicotomizá-lo, a psicologia perde aquilo que é essência do todo do sujeito. Pois, como pontua Merleau-Ponty (2006, p. 136):

Assim, a permanência do corpo próprio, se a psicologia clássica a tivesse analisado, podia conduzi-la ao corpo não mais como objeto do mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele, ao mundo não mais como soma de objetos determinados, mas como horizonte latente de nossa experiência, presente sem cessar, ele também, antes de todo pensamento determinante.

Logo, a crítica que Merleau-Ponty faz a psicologia é, justamente, no sentido que ao enxergar o corpo como objeto, a psicologia perde a experiência corporal própria de cada sujeito, considerando que o corpo não é algo separado ou uma extensão da essência do ser mas o próprio ser, “Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (Merleau-Ponty, 2006, p. 142).

No que tange a Gestalt-terapia, uma abordagem humanista, existencial e fenomenológica, compreende-se o sujeito por um olhar holístico, como afirma Laura Perls apud Ginger (2007): “Há um ponto que eu jamais sublinharei bastante: o trabalho corporal faz parte integrante da Gestalt-terapia. A Gestalt é uma terapia holística — o que significa que ela leva em conta o organismo total e não simplesmente a voz, o verbo, a ação, ou seja lá o que for” (p. 124). Posto isso, este trabalho se propõe a delinear a construção do conceito de corpo e trabalho corporal mediante as percepções e narrativas teóricas dos seguintes autores da Gestalt-terapia: James I. Kepner, Ruella Frank, Laura Perls, Mônica Botelho Alvim, Serge Ginger e Frederick Perls.

2 FREDERICK S. PERLS: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Perls, em sua obra inicial “Ego, fome e agressão” (1982), apontou a indissociável relação corpo, mente e alma. Em direção oposta a tal dualidade, o holismo é o todo, não mais partes, e sim, a completude. Neste sentido, afirma o teórico “Nenhuma emoção, seja raiva, tristeza, vergonha ou

nojo, ocorre sem que seus componentes fisiológicos, bem como os psicológicos, entrem em jogo” (Perls, 2002, p. 69).

O holismo consiste na principal ideia da abordagem a qual fundou (Perls, 1977, p. 132). Apesar da totalidade do ser, este encontra-se em uma constante busca de equilíbrio. Segundo o autor, é inerente aos indivíduos o que denominou princípio intra-organísmico, regido por instintos de autopreservação, ou seja, somos capazes de satisfazer as necessidades do nosso corpo, além da capacidade de nos adaptar entre as realidades interna e a externa. Isto posto, Perls conceitua: “Chamamos a adaptação do nosso ambiente às nossas necessidades de comportamento aloplástico (modelando o outro), a auto-adaptação de comportamento autoplástico” (Perls, 2002, p. 89).

O patrono da Gestalt-terapia afirma a representação habitual da técnica holística, sobre a qual facilita: “Um método simples de abranger toda a situação organísmica é pedir ao paciente que comunique ao analista tudo o que ele experiência mental, emocional e fisicamente” (Perls, 2002, p. 122). Sobre tal conjectura, ressalva-se que a natureza dos transtornos e sintomas somáticos advém da convenção do corpo como um todo. Uma crise de ansiedade, por exemplo, poderia advir de problemas cardíacos aliados a uma grande excitação, onde ao objetivar reprimi-la pela necessidade de autocontrole desencadeia o conflito: necessidade de reprimir sua expressão e a necessidade organísmica (Perls, 2002).

Contudo, Perls (2002), apresenta sua técnica como o meio pelo qual objetiva-se recuperar o próprio Eu (p. 264). Neste trabalho, é importante salientar que, em um fluxo saudável, a necessidade emerge como figura naturalmente, se tornando objeto em primeiro plano da consciência. Sobre este movimento, Perls (2002) caracteriza a terapia da concentração: “Consideramos a evitação como a característica principal da neurose e é óbvio que seu oposto correto é a concentração. Mas, é claro, é a concentração no objeto que, de acordo com a estrutura da situação, exige se tomar figura” (p. 268).

Ainda em busca do resgate do eu, Perls (2002) acentua a linguagem egóica como ferramenta de *awareness*³, assim fundamentada no seguinte trecho “Como o ego indica a aceitação de certas partes da personalidade e a identificação com elas, podemos usar a linguagem egóica com o propósito de assimilar partes rejeitadas de nós mesmos.” (Perls, 2002, p. 306). Por meio deste processo, é fornecido ao indivíduo a possibilidade de crescimento, sair de situações inacabadas e

³ *awareness*: tomada de consciência global presentificada no aqui e no agora, em processo contínuo de integração do todo.

desenvolver-se fluidamente. Sobre sua técnica de concentração corporal, Perls (2002) conceitua:

Imobilizando nosso sistema motor, imobilizamos ao mesmo tempo nossas sensações; podemos remobilizar ambos por meio da concentração adequada. Restabelecendo os movimentos diferenciados de nosso “corpo”, dissolvemos o desconforto e o entorpecimento da personalidade rígida, e reinstalamos as funções egóico-motoras (Perls, 2002, p. 319).

As sensações resgatadas passam a ser parte da personalidade consciente, a concentração nas partes doloridas do corpo é a focalização da atenção necessária a um sinal que o organismo está acionando. Ao contrário, pode ocorrer o amortecimento, deparando-se com este processo, Perls (2002) afirma:

A imagem, sensação ou o impulso desaparecem do campo interno e reaparecem no campo ambiental. Portanto, se enfrentarmos simultaneamente o escotoma e a questão da projeção, aumentamos o impulso interno e ajudamos consideravelmente na estabilização da personalidade (p. 329).

3 LAURA PERLS E IMPORTÂNCIA DO CORPO

Laura Perls, cofundadora da Gestalt-terapia, introduziu a ênfase na percepção e importância do corpo na Abordagem Gestáltica, tanto conceitualmente para a teoria, quanto experiencialmente no ambiente psicoterápico. Conforme coloca Frank (2013, p. 46) acerca de Laura:

Foi Laura Perls, uma das fundadoras da psicoterapia da Gestalt, juntamente com Fritz Perls e seu colega Paul Goodman, quem primeiro expressou a ideia de que padrões de movimentos coordenados servem como suporte primário para o contato. Embora ela tenha escrito apenas um livro, *Living at the Boundary* (1992), no qual esse conceito foi brevemente discutido, sua terapia e ensino demonstraram sua crença de que a consciência nítida das diferenças entre si e o outro, um componente essencial do contato, sempre emerge de um fundo de suportes primários.

Laura, mesmo antes da criação e estruturação da Gestalt-terapia, ainda quando se considerava psicanalista, já apontava para a importância dos aspectos corporais como respiração, postura, coordenação, voz, sensibilidade, e mobilidade e trabalhava com estes como parte de seu estilo terapêutico. Por estilo, Laura faz menção à uma personalidade integrada. O conceito de personalidade integrada está relacionada ao contato, ao passo que o contato consiste em reconhecer e lidar com o outro, com a diferença e o novo, não é um estado onde é possível entrar e sair, mas consiste em uma ação em direção ao contato que se estabelece na fronteira entre o “eu” e o “outro”⁴

⁴ Fundo: de acordo com D’Acri *et. al.* (2012, p. 107): “o fundo diz respeito ao campo perceptual, isto é, a tudo que é

. Esta fronteira é delimitada como um lugar se é possível tocar e permite a diferenciação daquilo que é do eu e daquilo que é do outro (Perls, 1977).

Somente é possível estabelecer um contato pleno e criativo na medida em que haja suporte. Para Laura, o suporte do contato começa pela fisiologia básica, como a respiração, postura, sensibilidade, coordenação e a mobilidade, entre outros aspectos, assim, as experiências de contato assimiladas e integradas ao fundo ⁵ da pessoa, se configuram como suporte para experiências posteriores. Já o que não foi integrado e nem assimilado, ou fica introjetado ⁶ ou perde-se, tornando-se um impedimento ao desenvolvimento do indivíduo (Perls, 1997).

Nesse sentido, uma personalidade integrada tem estilo e consiste na unificação do modo como se expressa e se comunica (Perls, 1997). Ao postular esse conceito em Gestalt-terapia, Laura aponta o corpo como suporte para um contato pleno e criativo, e ainda, como um dos aspectos da integração daquilo que se comunica com o que se expressa, pois, o que está no âmbito do pensamento se expressa com o corpo, e ao ocorrer uma desarmonia nessa relação, logo, ocorre a desintegração da personalidade.

Em seu trabalho Laura Perls não separou a Gestalt⁷ da expressão artística e corporal (Ginger, 2007). Como ela ressaltou: "Há um ponto que eu jamais sublinharei bastante: o trabalho corporal faz parte integrante da Gestalt-terapia. A Gestalt é uma terapia holística — o que significa que ela leva em conta o organismo total e não simplesmente a voz, o verbo, a ação, ou seja lá o que for" (Laura Perls apud Ginger, 2007, p. 124). Acerca do trabalho corporal de Laura e da visão holística em Gestalt-terapia, Ruella Frank, aluna de Laura, descreve como foi experienciar a integração do corpo no *setting* terapêutico:

Laura cuidou dos pés de seu cliente, e encorajou-o a dobrar e endireitar os joelhos até que ele sentiu claramente sua relação com o chão. A facilidade com que ela integrou o movimento na sessão me mostrou que a psicoterapia da Gestalt era lindamente holística e se adequava bem ao tipo de trabalho que estava desenvolvendo (Frank, 2013, p. 9).

Assim, o trabalho corporal enfatizado por Laura trabalha com os comportamentos,

relativo ao organismo e ao meio ambiente”.

⁵ Relação EU-TU/EU-ISSO: O Self existe no contato, no entre da fronteira relacional, podendo direcionar-se ao Tu ou ao Isso. O terapeuta pode estabelecer genuinamente uma relação na qual há a confirmação do Outro, ou uma experiência objetivante, ao isso.

⁶ Introjeção: Para Laura Perls (2002, p. 194) “[...] introjeção significa preservar a estrutura de coisas ingeridas, enquanto o organismo ordena sua destruição”.

⁷ Gestalt: se refere a uma configuração das partes (figura e fundo), que compõem o todo apresentado de forma particular ao ser.

costumes e hábitos que são alheios ao *Self*⁸ do indivíduo e atua para que haja um fluxo de integração e suporte. Para Laura (1992) a terapia trabalha com os comportamentos que não foram ou não podem ser integrados à história de vida da pessoa, bem como, lida com as atitudes que se constituíram como um código não escrito e integrado de comportamento pessoal e social, chamados hábitos, maneirismos⁹ e maneiras.

4 SERGE E ANNE GINGER: O CORPO E AS EMOÇÕES

Em sua obra “Gestalt: a arte do contato”, Serge e Anne Ginger (2007), ambos gestaltistas, expressam sua visão sobre o fenômeno corporal no setting terapêutico. Ao analisar a aplicação dos conceitos basilares da abordagem, percebem que muitos gestalt-terapeutas muito raramente incluíam o corpo dentro do campo dialógico¹⁰ terapêutico. Ainda assim, em raros momentos, este se apresentava de maneira interpretativa e limitado às trocas verbais (Ginger; Ginger, 2007, p. 125).

Concomitantes com o pensamento de Laura Perls e dos psicoterapeutas práticos em Gestalt-terapia - englobam as múltiplas expressões do cliente/paciente - os autores expressam que o trabalho corporal interativo e ativo possui a potencialidade de um importante e rico mecanismo terapêutico e, assim, afirmam “[...] na minha opinião, sem essa intervenção do corpo nós nos privamos de uma alavanca terapêutica poderosa que contribui para a intensidade e profundidade do trabalho, permitindo aumentar-lhe a eficácia e diminuir-lhe a duração” (Ginger; Ginger, 2007, p. 125).

O trabalho corporal possui motricidade e há possibilidade de emergir a necessidade de contato, ou seja, toque terapeuta/cliente, no entanto, este é melhor esclarecido nos termos: “[...] entenda-se bem que este contato mais próximo implica uma confiança mútua e um controle deontológico estrito” (Ginger, 2007, p. 126). A motricidade, ou seja, a ação corporal, possibilita a amplificação¹¹ da *awareness* de processos, antes, inconscientes, sempre frisando que:

O terapeuta é interveniente e ativo, mas não chega a ser "diretivo": ele convida, por exemplo, a amplificar os fenômenos observados ou até a experimentar atitudes novas

⁸ *Self*: Individualidade e percepção identitária de si em constante mutabilidade e expansão.

⁹ Maneirismos: termo utilizado por Laura Perls (1992) em sua teoria, em que no maneirismo o corpo é alvo e não fundo, portanto, está desintegrado da situação e não oferece suporte para o contato (Alvim, 2016).

¹⁰ Dialógico: Atitude relacional de encontro mútuo entre terapeuta e cliente.

¹¹ Amplificação: consiste em uma técnica para aumentar a conscientização do cliente, é “trazer para o consciente tudo que está implícito para o explícito, seguindo em frente sem deixar nada obscuro e hipoteticamente inconsciente” (Teixeira e Marques, 2021, p. 8).

(escolhidas pelo cliente) e eventualmente ele mesmo reage, mas não é ele que fixa a direção da ação (Ginger & Ginger, 2007, p. 131).

Os autores denominam abertura límbica “o processo de movimento do corpo no espaço mobiliza o hemisfério direito e “abre a porta” às emoções e às associações” (Ginger, 1987 apud Ginger; Ginger, 2007, p. 138). Tal processo, é a admissão de insights, possibilitados pelo acesso às memórias advindas de momentos ao longo da existência. A evasão de inúmeros sentimentos, a partir destes processos, é valorada pela Gestalt, como afirma o seguinte trecho:

A Gestalt não nos incentiva a controlar nossas emoções... isto é, a reduzi-las à escravidão! Mas, em vez de “domesticá-las”, a conhecê-las melhor e fazer delas amigas - com quem podemos conversar em confiança. Não lutar contra, mas progredir com (Ginger, 2007, p. 139).

Em consonância com os pilares da abordagem, Serge e Anne Ginger enriquecem o aconselhamento em Gestal-terapia, sendo esta Fenomenológica, Existencial e Humanista, e, a partir do capítulo “O corpo e as emoções” exprimem sua análise diante de diferentes métodos terapêuticos utilizados, objetivando a tomada de consciência do ser, assim como suas implicações no processo de integração da corporeidade ao todo e do todo à corporeidade.

5 RUELLA FRANK: O CORPO E O MOVIMENTO

Ruella Frank, Ph.D., é docente da *Gestalt Associates for Psychotherapy* e do Instituto de Gestalt-terapia de Nova York e fundadora e diretora do Centro de Estudos Somáticos, foi aluna de Laura Perls, autora de vários artigos e publicações, dentre as quais algumas serão abordadas neste trabalho. Ensina nos Estados Unidos, México e Europa, além de dançarina e coreógrafa profissional. Em suas contribuições para a Gestalt-terapia, ela relaciona toda a sua experiência na dança com o corpo e os movimentos, como aponta:

O coração do meu trabalho é examinar as experiências de movimento ao longo do desenvolvimento e compreender sua contribuição para o eu organizador: é baseado em meus interesses e experiência como ex-bailarina e coreógrafa profissional, praticante de Gestalt-terapia e educadora do movimento. (Frank, 2013, p. 7-8).

Assim, em suas concepções, Ruella Frank aborda a importância do corpo e dos movimentos e como estes moldam a experiência do indivíduo. Para ela o corpo possui uma linguagem própria

e conta a história do indivíduo, embora Frank de forma alguma rejeite a linguagem ou a fala, ela insiste que o corpo em movimento produz uma linguagem crucial própria, porque, como ela diz, “O cérebro não faz todo o 'pensamento'; o corpo também faz a sua parte” (Miller, 2022, p. 20). Além disso, o Eu não pode ser separado do corpo, “para uma unidade de experiência tão profunda que o eu não pode ser facilmente separado de seus movimentos ao longo da vida. O dançarino dançando é sua metáfora para esse ideal de ação e forma como totalidade inseparável do ser” (Miller, 2022, p. 19-20).

Em outras publicações, como “*The first year and the rest of your life: movement, development, and psychotherapeutic change*” (O primeiro ano e o resto de sua vida: Movimento, desenvolvimento e mudança psicoterapêutica, 2010), Frank desenvolve uma teoria acerca da importância dos movimentos e do corpo desde os estágios iniciais de vida como a infância até a vida adulta, esses padrões de movimento e corporeidade perduram por todo o desenvolvimento e moldam a forma como o indivíduo se coloca no mundo e com ele faz contato.

A dança para ela, no entanto, é menos uma metáfora do que um importante pano de fundo do qual ela desenvolveu uma rica e valiosa teoria que nos diz como nossa própria natureza se desenvolve e cresce, primeiro por meio de suas maneiras de se mover em relação aos pais ou cuidadores durante os primeiros anos de vida, na infância e, a partir de então, através da formação de relacionamentos na idade adulta. Uma palavra-chave aqui é “formar”, que significa precisamente ainda não formado e, portanto, completo, porque ela insiste na natureza dinâmica desse processo. Para ela, o eu é um processo, sempre em estado de devir por meio de suas trocas com seu mundo. A vida adulta, então, não é de forma alguma o fim do desenvolvimento humano na perspectiva de Frank, mas sua continuação através dos mesmos tipos de movimentos que o bebê faz (Miller, 2021, p. 20).

Portanto, o corpo está inserido nesta perspectiva desenvolvimentista de Frank, e aparece como suporte para a experiência de contato juntamente com o movimento, principalmente, nos primeiros anos de vida, pois, esses padrões interativos não verbais desenvolvidos na infância continuam presentes na base de repertório interativo e expressivo de uma pessoa no decorrer da vida (Frank; Barre, 2011). Assim, ao focar no primeiro ano, estamos claramente adotando uma abordagem de desenvolvimento. Reconhecemos que existem controvérsias contínuas sobre a utilidade da teoria do desenvolvimento na conceituação da experiência adulta. Também há controvérsias sobre como a experiência infantil deve ser interpretada ou reconstruída (Mitchell, 1993; Green e Stern, 2001; Stern, 2010).

Nossa visão é que, embora não possamos “reconstruir” a experiência inicial da memória adulta, os padrões de ação que tomaram forma no primeiro ano e foram refinados e reformulados ao longo da vida, ainda estão vivos e ativos no momento presente e, portanto, desempenham um papel significativo na organização da experiência adulta. Ao trabalhar com adultos, estamos interessados em como suas experiências presentes incorporam imagens e sensações do passado (Frank; Barre, 2011, p. 24).

Dessa forma, Ruella ressalta que o seu desafio foi integrar esses padrões de movimento infantil e as pesquisas mais recentes de desenvolvimento humano com a teoria e a prática da Gestalt-terapia, e desses esforços para realizar essa integração, Ruella aponta que surgiu uma abordagem distinta para a psicoterapia: “uma que torna claramente evidentes os processos do desenvolvimento inicial à medida que continuam a se desenrolar no presente” (Frank, 2013, p. 10-11), uma abordagem somática e de desenvolvimento em psicoterapia, como denominou Ruella.

Ao postular que, o ambiente e o contato estabelecido na infância perdura no desenvolvimento e no padrão interativo posterior do indivíduo, Ruella discorre sobre a perspectiva de que quanto mais saudável e funcional é o ambiente, maior é a probabilidade de um desenvolvimento posterior saudável, espontâneo e autêntico, ao passo que quando os próprios movimentos dos pais atingem a criança de forma insuficiente ou dolorosa, o provável resultado é converter essa capacidade da criança de ter movimentos espontâneos e autorregulados em movimentos rígidos e repetitivos. Nessa situação, a autora reforça ainda que o movimento, tanto da criança como dos adultos, é recuar ou se defender, para fugir ou lutar, como medida de autoproteção, e o que a criança aprende através da autoproteção, comumente, é passado para a fase adulta como um padrão de proteção, sendo assim, é justamente nesse ponto que a psicoterapia pode desempenhar um papel fundamental (Frank, 2022).

É também uma dimensão essencial da visão de Frank, como é na gestalt-terapia em geral, ver as manobras defensivas inventadas por uma criança que não se sente segura nas mãos de sua família como atos criativos, às vezes engenhosos, dado o parente da criança. Impotência. A rigidez subsequente ocorre porque, infelizmente, os hábitos defensivos têm uma maneira de se apegar ao eu em formação até que pareçam estar embutidos no caráter ou na identidade da pessoa. Em seguida, muitas vezes se tornam disfuncionais ou até mesmo autodestrutivos na idade adulta, uma vez que podem deslocar a consciência de um indivíduo adulto de que ele agora tem novos poderes criativos para se manter seguro (Miller, 2022, p. 21).

Diante desta perspectiva, Ruella observou a potência em analisar a corporeidade e os movimentos do indivíduo no ambiente psicoterápico a partir dos padrões de desenvolvimento infantil, como ela ressalta:

À medida que meu treinamento progredia, percebi que os padrões de desenvolvimento infantil poderiam ser usados para analisar cada aspecto dos movimentos de um cliente - postura, mudanças no peso, marcha, os gestos de todas as partes do corpo - e ainda, que eles podem ser incorporados na sessão para aumentar a conscientização do cliente e reorganizar sua experiência” (Frank, 2013, p. 9).

Portanto, os aspectos corporais no ambiente psicoterápico são compreendidos por meio da estrutura de desenvolvimento e manejados pela perspectiva dessa abordagem somática e de desenvolvimento (Frank, 2013). A compreensão e observação dos processos de contato durante a psicoterapia facilita a avaliação e permite ao psicoterapeuta a apreensão de como o cliente se organiza no ambiente terapêutico e no presente, tendo em vista que os padrões infantis anteriores se integram aos posteriores, entende-se então que os movimentos antecessores existem dentro do presente fenomenológico, ao passo que o psicoterapeuta compreende a necessidade de sobrevivência no fundo de cada padrão de formação do cliente, essa apreensão de como o indivíduo se organiza no contato com o mundo, com seu corpo e com os outros se torna mais acessível no *setting* terapêutico (Frank, 2013). É nesse ponto em que a abordagem desenvolvida por Ruella Frank contribui para que a experiência antes oculta venha a emergir, pois, o corpo comunica algo que o verbal ainda não elaborou e é preciso estar atento para escutá-lo.

[...] a observação de padrões somáticos/desenvolvimentais permite ao terapeuta uma janela para a experiência do cliente, enquanto o guia para uma consciência de gesto, postura, respiração, marcha. Padrões de desenvolvimento não apenas alertam tanto o terapeuta quanto o cliente às inibições no contato com os suportes, mas pode ser adaptado para experimentação. Tais experimentos em padrões permitem que mais e mais do fundo inexplorado emergja na experiência consciente do primeiro plano. Isso inclui todas aquelas experiências que não teriam emergido tão prontamente, tão claramente, ou, talvez, de modo algum, sem a investigação do padrão. O que se revela é a organização psicológica do cliente, expressa através da primazia do movimento (Frank, 2013, p. 55).

O trabalho corporal feito a partir da singularidade dos padrões de desenvolvimento de cada indivíduo permite que, aqueles padrões de movimento cronicamente disruptivos se tornam flexíveis e passíveis de serem ajustados funcionalmente. “Quando as funções de suporte inibidas se mobilizam, emoções e percepções cuidadosamente reprimidas ou habilmente evitadas são renovadas. As mudanças ocorrem no nível mais rudimentar, [...]” (Frank, 2013, p. 55).

A *awareness* do corpo, antes interrompida por padrões infantis disfuncionais que perduraram no desenvolvimento do adulto, permite ao indivíduo o resgate do senso de identidade, isto é, de quem este é no mundo e do que o mundo é para ele, ao passo que a distância do *Self* gera

angústia (Frank, 2013).

Dessa maneira, o trabalho corporal de acordo com a construção teórica de Ruella Frank consiste em, justamente, auxiliar o cliente a organizar sua experiência de modo que ele se sinta pertencente ao ambiente, ao invés de alienado, é convidá-lo a sentir o setting terapêutico, a cadeira e o ambiente, como o corpo está sentado neste aqui-agora. Um ambiente psicoterápico de verbo, ação e experiência, e experiência é corpo (Frank, 2011).

6 MÔNICA BOTELHO ALVIM

Em seus escritos acerca do corpo, Mônica Alvim se propõe a organizar o que seria o corpo para a Gestalt-terapia, assim, a autora constrói essa visão fundamentada, principalmente, nos conceitos de Merleau-Ponty e Laura Perls. No que tange a visão da Gestalt-terapia, o corpo não se limita somente aos aspectos físicos e biológicos, mas também a vitalidade, a condição de organismo vivo do corpo, possuindo uma natureza que tende ao equilíbrio, se ajusta e interage com outros organismos (Alvim, 2016).

A experiência corporal se dá no campo, sendo que o campo não se configura apenas como um aspecto material, o mundo perceptível possui dimensão material, vital e humana, sendo esta capaz de simbolização, de criar, compartilhar e comunicar sentidos, significando e construindo uma realidade sociocultural, e o campo engloba todas essas dimensões unidas em uma totalidade que faz parte de nossa experiência perceptiva (Alvim, 2016). Posto isso, é possível inferir que a cada novo contato, com uma nova configuração de campo, é saudável estabelecer relações de forma fluída e espontânea, fluir como um todo no movimento da vida, do campo e das relações.

A vida é movimento; a existência, temporalidade; o corpo não é apenas matéria, isolada ou fechada em si, determinada de fora. Tampouco é o centro irradiador que determina as coisas. A corporeidade se faz no movimento, em interação com o mundo e o outro, na história, na sociedade. Isso implica afetar e ser afetado, ver e ser visto, sentir e ser sentido, tocar e ser tocado. Nesse movimento vivo dado no campo organismo/ambiente vai se esboçando um modo singular de ser no mundo, de perceber, um estilo motor de andar, ver, falar, ouvir, se movimentar, capaz de expressão e de transformação. (Alvim, 2016, p. 30).

Portanto, “o corpo é experiência vivida no campo” (Alvim, 2016, p. 28), e é a partir dos contatos que surgem as possibilidades de novas formas e experiências. Para a Gestalt-terapia, contato e *awareness* são imprescindíveis para uma vivência fluída, integrada, espontânea e fiel a essência do indivíduo, desse modo, a *awareness* é o encontro do indivíduo com suas totalidades,

um profundo dar-se conta da sensação de integração de todas essas partes, percebendo assim, quem se é, possibilitando uma junção harmoniosa de ser e estar no aqui e agora, dessa forma, estar *awareness* consiste em um contínuo processo de conhecer-se como pertencente do mundo e no mundo (Ribeiro, 2021).

Assim, diante de uma situação nova a *awareness* pressupõe ser atravessado pelo campo no aqui e agora, resultando em um excitação em direção a formação de uma figura no campo, o excitação mobiliza os movimentos corporais, gesticulando, orientando e manipulando a situação, desempenhando uma ação motora que objetiva integrar as diferenças e restaurar o equilíbrio. A Gestalt-terapia que se forma durante o contato, consiste em uma figura que se relaciona com o fundo e se apoia nele, tornando-se um panorama de experiências já vividas e de futuras (Alvim, 2016). Logo, é possível “pensar na *awareness* como um saber que se produz na experiência, quando de modo espontâneo nos sensibilizamos e gesticulamos em direção a algo que está conectado com a necessidade dominante no campo [...]” (Alvim, 2016, p. 32).

Essa gesticulação e sensibilização deve ser espontânea e fluída, moldada de acordo com a situação do campo, a Gestalt-terapia enxerga que quanto maior a liberdade de fluidez na formação de *Gestalten* e do comportamento, o movimento terá autenticidade, elegância, plasticidade e brilho (Alvim, 2016). A autenticidade implica em escutar a si mesmo, reconhecer e ser fiel ao que é dito, de acordo com Lucca (2012), a autenticidade é um propósito básico da Gestalt-terapia, e ao buscá-la se abre a possibilidade de que o ver se transforme em olhar, o tocar em entrar em contato, o ouvir em escutar e o sentir o gosto em discernir. Como citado acima, a conceituação da Gestalt-terapia acerca da relação de figura e fundo remetem, justamente, o corpo como suporte de contato, segundo Laura Perls (1992,

p. 04) “o corpo é um sistema de suporte que provém sustentação a partir da respiração e de sua base” (*apud* Alvim, 2016, p. 37).

Desse modo, o corpo está no fundo se movendo em direção a figura que emerge, como abordou Merleau-Ponty (1994) “o corpo integra suas partes a si mesmo de modo ativo, de acordo com o valor de cada parte para os projetos do organismo naquele momento, o que está estreitamente relacionado à formação de figuras” (Alvim, 2016, p. 34), assim, diante de uma situação onde o uso dos pés é essencial, como correr ou caminhar, eles assumirão a primeira importância, permitindo suporte, fluidez e autenticidade ao movimento e contato. Ao passo que, quando o contato e movimento são automatizados e desproporcionais à situação, sendo desprovidos de suporte,

caracterizam-se como o que Laura Perls (1992) chama de maneirismos. De acordo com Alvim (2016), no maneirismo o corpo é o alvo e não o fundo, “aquele que, na vida cotidiana, gesticula com maneirismos exerce um papel desconectado da situação; estamos diante de um movimento desintegrado, de uma existência cujo fluxo está impedido” (p. 40).

O corpo só aparece como figura e como dimensão isolada quando não está integrado à situação, quando há rompimento da totalidade mente/corpo/mundo. Nesse caso, o fluxo de *awareness* está impedido e o excitação não pode fluir em direção à figura de interesse. A estrutura figura-fundo é pouco nítida, sem brilho ou vigor, e o movimento perde elegância, se torna mecânico ou repetitivo. (Alvim, 2016, p. 40).

Portanto, para Alvim (2016), o grau perceptivo das queixas somáticas são a única percepção que temos, no entanto, suas propriocepções são mínimas, ou seja, o que estas significam para o indivíduo e porque ele se autorregulou dessa forma.

7 O CORPO NA VISÃO DE JAMES I. KEPNER

O psicólogo norte-americano desenvolveu a GBPP, *Gestalt Body Process Psychotherapy*, que podemos traduzir como uma Psicoterapia Gestáltica no Processo Corporal. A totalidade do indivíduo observada pela Gestalt-terapia tem em James I. Kepner um foco interventivo. No seu livro “O processo corporal” (1987), expressa a grande influência no modelo de Consciência do processo de Carl Rogers, fundamentada no conceito de congruência. Assim como ele, tem seu método objetivando a consciência direcionada ao viver pleno. Ademais, a partir da abordagem gestáltica, ressalta a importância da corporeidade: a totalidade da pessoa.

A experiência corporal faz-se Eu, o Self corpóreo, absorvido na totalidade do ser que, também, é mental. Quando a unicidade mente/corpo se desintegra ocorre a não identificação e não assimilação dos processos corporais, a isso Kepner (2000) denominou como o “Eu negado”. Assim posto, a presentificação da experiência é negada e posteriormente silenciada, assim, a qualidade desta, o contato e a funcionalidade são suprimidos, interrompendo sua plenitude. Tal desassociação é afirmada culturalmente, e, inclusive, permeia o trabalho terapêutico com os fenômenos corporais.

[...] o contexto psicoterapêutico não é o único fator que arruína o vínculo entre corpo e Self. Nossa linguagem estimula a distinção entre corpo e “eu”. Não temos uma palavra simples que nos permita dizer "corpo-eu". No máximo, poderíamos dizer "meu corpo" da mesma forma que dizer "meu carro", implicando que o corpo de alguém é propriedade, mas certamente não a si mesmo. Nossa linguagem apoia a noção de que nosso corpo é um

objeto: algo que acontece comigo, em vez de "algo que estou acontecendo." (Kepner, 2000, p. 4).

A responsabilização pelas sensações e sintomas percebidos pelo indivíduo em seu próprio corpo é a “corporação”, termo cunhado por Kepner (2000), onde, constituído de si, o indivíduo aceita seus próprios processos. O autor, ainda, afirma:

Quando fazemos de nossa experiência corporal um "isso" em vez de um "eu", nos tornamos menos do que somos. Nós diminuimos. Quanto mais separamos nossa identidade de nossa própria experiência corporal, mais coisas "parecem acontecer" conosco. Sentimo-nos descontrolados, dissociados, fragmentados. Perdemos contato com o fundamento da experiência humana: nossa realidade corpórea (p. 7).

O Eu é atuante como um mecanismo integrador. Na sua interação com o meio, em contínuo contato e adaptação com este, Kepner (2000) conceitua “a Gestalt-terapia vê o Self não como uma coisa ou estrutura estática, mas como um processo fluido” (p. 8). Neste sentido, estar em contato consigo mesmo, com o ambiente e com as pessoas são aspectos intrínsecos e que regem nossa existência, e quando algo interfere, incapacita ou sabota essas relações o resultado é uma desarmonia na experiência. Com base nisso, se considera que “quanto mais limitada a capacidade de contato de uma pessoa, mais fragmentada, desorganizada e sujeita à resistência se torna a experiência de si mesmo e do ambiente” (Kepner, 2000, p. 08).

Dentro desta prerrogativa, Kepner (2000) remete aos ambientes difíceis, àqueles onde o “eu em desenvolvimento” sofre com uma inadaptação. O Self, então, difunde-se em aspectos alienados sustentados por dores profundas, e, no decorrer do seu crescimento, o indivíduo padece com a não assimilação destes, afetando-se com as limitações do ambiente exíguo. À sombra da consciência está o eu negado, predominantemente corpóreo. A cinestesia das expressões corporais são mantidas à deriva do nosso senso de Self, ocorrendo assim, uma dissociação. Ademais, Kepner (2000) aponta “no final, tais movimentos tornam-se estranhos e ameaçadores para o senso de si mesmo, não mais acessíveis em função do contato” (p. 14).

Tal dissociação acontece em diferentes níveis, que o autor classificou como “gama de experiência” (Kepner, 2000, p. 18).

Quanto mais funções de contato forem negadas, menor será a gama de comportamento disponível para ação dentro do ambiente. O "eu" torna-se mais rígido e constrangido, com menos áreas de operação legítima, pois mais capacidades do eu (sentimentos e ações) são consideradas alheias e, portanto, inúteis (idem).

O indivíduo possui a capacidade de superar as dissoluções por meio de uma intervenção holística. Ao analisar o decurso fisiológico dos indivíduos, Kepner (2000) remete ao “dilema organísmico unitário” (p. 54) o qual, consiste neste desafio: a tomada de consciência e identidade de fenômenos experienciais ou figuras emergentes no aqui e agora da fronteira eu/mundo. Perante o exposto, afirma-se que qualquer aspecto psicológico inclui, também, um processo físico ou somático. Assim, como exprime Kepner (2000) “[...] um conflito entre as partes do Self, um trauma emocional, uma interação inacabada) é parte de uma Gestalt maior que inclui a expressão física desse dilema (por exemplo, padrão de tensão, forma de segurar o corpo, inibições na respiração)” (p. 36).

O trabalho integrado é denominado por Kepner (2000, p. 51) de “processo de ressensibilização”, o qual possui uma tendência exploratória, onde, no aqui e agora no campo relacional cliente-terapeuta, o indivíduo é instigado a entrar em contato com movimentos automatizados os quais faziam parte da identidade da sua estrutura corporal e estavam desconhecidos, muitas vezes à sombra das suas polaridades, ansiando, assim, reencontrar-se. Os novos vínculos com estas vão sendo acumulados com psicoterapia, a qual é conceituada como “[...] o processo de desenvolver as condições para a experiência de si mesmo como um todo” (Kepner, 2000, p. 39).

O senso de si mesmo envolve a estrutura corporal e a modifica. À medida que ocorrem estes processos, as resistências, antes “afastadas” são reconhecidas, pois estas, segundo Kepner (2000) são expressões do eu vívidas e ativas e, que se manifestam, inclusive fisicamente (p. 63). Tal modificação, durante a terapia, inclui mecanismos como a funcionalidade do toque, sendo este, como ressalta o autor: “uma ferramenta eficaz para iluminar a experiência corporal”. Ou seja, um mecanismo de grande potencial terapêutico, mas que requer atenção como afirma o seguinte trecho: “O uso do toque pelo terapeuta, de maneira cuidadosamente graduada e respeitosa, pode ser usado para evocar e elaborar esse assunto inacabado na experiência do cliente” (p. 70).

O autor de O Processo Corporal, remete aos termos desencarnação e desconexão como a perda de contato do Eu em maiores graus pela dessensibilização, a qual “caracteriza-se na ausência de fundamentos físicos que geram falta de identidade ou anomia, distanciamento e desconexão” (Kepner, 2000,

p. 98). Em seu trabalho, o objetivo terapêutico então, se concentra à Vivacidade, ressaltando

que esta envolve a experimentação, genuinamente, por todos, incluindo o terapeuta. Este resgate se dá por meio do Foco (focalizar a experiência até que esta emerge como figura), a Respiração (aprofundamento no ato de inspirar e expirar de maneira contínua e regular) e a Vivificação (uso do contato no resgate aos tecidos amortecidos), além de salientar o contexto e relações terapêuticas (Kepner, 2000).

O desenvolvimento do sentir vai ainda além, requer entender a ausência da corporação enraizada pela projeção da experiência corporal, assim, Kepner (2000) aponta:

O corpo deve se tornar o sujeito da experiência para que a divisão entre corpo e mente possa ser curada e os aspectos projetados do eu possam ser assimilados e integrados ao funcionamento vital. Isso permitirá que o processo do corpo se torne parte da formação normal da figura, ou seja, a criação de Gestalts unificadas e significativas (p. 113).

Em seu trabalho, Kepner nos remete à capacidade de experienciar os limites naturais que nos são intrínsecos, estando no mundo e em contato genuíno com este, e, apesar das realidades distintas, do processo de desenvolvimento e ambientes divergentes, à nós, cabe a coragem de ser, autenticamente, nós mesmos. A plenitude de ser possui um fundamento importante: a ação motora. Na psicoterapia, segundo Kepner (2000, p. 142 a 145) objetivam-se a Manipulação do ambiente - habilidade em satisfazer às necessidades orgânicas através da exploração de seu meio e, a expressão do Self - a livre fluidez da vida interior. Assim, reflete o autor:

É somente no contato (experienciando) que percebemos o 'eu'. A ação no mundo serve como uma importante fonte de experiência pela qual nos é dado um senso de auto-reflexão. [...] O Self é fundamentado e feito através da experiência (contato), onde o comportamento motor (ação) é parte essencial” (Kepner, 2000, p. 145).

8 METODOLOGIA

A metodologia enseja uma discussão acerca da construção do conceito de corpo bem como o trabalho corporal em Gestalt-terapia através dos seguintes autores: James I. Kepner, Ruella Frank, Laura Perls, Serge Ginger e Frederick Perls. Para tal, optou-se por uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, considerando que, consoante com Selltiz et al. (1965), a pesquisa exploratória busca abordar ideias e conceitos acerca do tema pesquisado, possibilitando alcançar uma maior proximidade com o fenômeno estudado.

A aproximação com a temática sucedeu-se através da revisão bibliográfica, realizada a

partir de uma seleção de livros de leitura corrente (obras literárias), periódicos e revistas científicas, além de artigos relacionados à temática de interesse e de acordo com os autores supracitados. Tal seleção de delineamento bibliográfico seguiu o critério da abordagem Gestalt-EFH (Existencial,

Fenomenológica e Humanista) sendo norteada pela hipótese e questão de pesquisa. Buscaram-se os trabalhos dos autores supracitados nas seguintes plataformas: a) *Portal Scientific Eletronic Library Online (Scielo)*; b) Google Acadêmico; c) Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC); d) *Scribd*; e e) *Taylor & Francis eBooks*.

Os escritos selecionados foram organizados no quadro de revisão abaixo, segundo título, autor e ano de publicação (quadro 1), cujo conteúdo constituiu parte importante para confecção deste trabalho. Vale ressaltar que a quantidade de obras utilizadas dependeram da produção e publicação de cada autor (a) e a disponibilidade de acesso das mesmas, resultando nos conceitos apresentados no quadro 2.

8 RESULTADOS

Em síntese, os textos de revisão bibliográfica foram selecionados (ver Quadro 1), formando o conjunto que constitui-se como objeto de pesquisa do trabalho, tendo em vista que esta pesquisa se propôs a delinear a construção do conceito de corpo nos autores(as) selecionadas, bem como o desenvolvimento do trabalho corporal dos mesmos. A parte posterior à revisão e levantamento bibliográfico, consistiu em compreender quais as perspectivas de cada autor(a) através de seus escritos.

Quadro 1 – Quadro de revisão bibliográfica

Título da obra	Autoria	Ano de publicação
Proceso corporal: Um enfoque Gestalt para el trabajo corporal en psicoterapia.	James I. Kepner	2011
As Raízes Corporais da Experiência em Psicoterapia.	Ruella Frank	2022
O corpo vivido: uma experiência de sentimento em movimento.	Ruella Frank	2021
Movendo-se para a borda.	Ruella Frank, Jean-Marie Robine & Michael Vincent Miller	2018
Experiência em movimento: ressonância cinestésica como sensação relacional.	Ruella Frank	2016

Corpo de consciência: Uma abordagem somática e de desenvolvimento para a psicoterapia.	Ruella Frank	2013
O primeiro ano e o resto de sua vida: Movimento, desenvolvimento e mudança psicoterapêutica.	Ruella Frank & Frances La Barre	2011
Il corpo consapevole. Un approccio somático ed evolutivo alla psicoterapia.	Ruella Frank	2005
Incorporando a criatividade, desenvolvendo a experiência: o processo de terapia e sua base de desenvolvimento.	Ruella Frank	2003
Alcançar e ser alcançado	Ruella Frank	2000
Vivendo na fronteira: obras coletadas de Laura Perls.	Laura Perls	1992
Discurso de abertura: 8a Conferência Anual sobre a Teoria e Prática da Gestalt Terapia 17 de maio de 1985	Laura Perls	1986
Entendidos e mal entendidos da Gestalt-Terapia.	Laura Perls	1977
Experiência estética corporeidade: fragmentos de um diálogo entre Gestalt-terapia, arte e fenomenologia	Mônica Botelho Alvim	2007
O lugar do corpo em Gestalt-Terapia: dialogando com Merleau-Ponty	Mônica Botelho Alvim	2011
<i>Awareness</i> : experiência saber da experiência.	Mônica Botelho Alvim	2014
O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia	Mônica Botelho Alvim	2016
O lugar da experimentação no trabalho clínico em Gestalt-terapia	Mônica Botelho Alvim & Jorge Ponciano Ribeiro	2009
Gestalt: a arte do contato: nova abordagem otimista das relações humanas	Serge Ginger	2007
Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud	Frederick S. Perls	2002

Fonte: elaborado pelas autoras.

Dessa forma, o quadro 2 se configura como o segundo quadro síntese de revisão bibliográfica, e aborda, em suma, o que foi extraídos dos textos e escritos dos referidos (as) autores (as). Para essa compreensão, realizou-se uma leitura mais aprofundada dos textos, levando em consideração os sentidos atribuídos a corpo e o trabalho corporal. Portanto, sua confecção seguiu a identificação do autor (na primeira coluna), o conceito de corpo (na segunda) e o trabalho corporal (na terceira). A escolha desta forma de apresentação dos resultados foi alinhado ao entendimento de Gil (2002), que compreende que o quadro síntese constitui o mapa de sentidos e conceitos de cada obra, bem como, a construção da narrativa do trabalho de cada autor, assim utilizou-se da

leitura analítica para revisar e sumarizar as informações apuradas nos textos e escritos.

Quadro 2 – Conceito de corpo e trabalho corporal para cada autor

Autoria	Conceito de corpo	Trabalho corporal
James I. Kepner	O corpo em Kepner é Eu corpóreo. Sendo este o <i>Self</i> integralizado, ou seja, contigente de holismo.	O trabalho integrado consiste em um processo de ressensibilização, o qual objetiva a tomada de consciência e identidade de fenômenos experienciais do corpo por meio da capacidade de Manipulação do ambiente e da Expressão do Self.
Ruella Frank	O corpo conta a história do indivíduo desde o seu nascimento e possui uma linguagem própria.	O trabalho corporal realizado por Ruella Frank é feito no sentido de identificar o “eu corporal infantil” ao adulto, tendo em vista que este eu e os padrões dos movimentos infantis fazem parte do adulto, e assim compreender de uma maneira mais ampla a forma de funcionamento e adaptação do indivíduo.
Laura Perls	O corpo é suporte para o contato e só é possível estabelecer um contato pleno através do suporte.	Para Laura, o trabalho com o corpo é imprescindível no ambiente psicoterápico, e é realizado no sentido de integrar o corpo a história de vida do indivíduo, ao passo que a não integração acarreta ao indivíduo hábitos, comportamentos e o que ela chamou de “maneirismos”.
Mônica Botelho Alvim	O corpo é experiência vivida no campo. Não é possível pensar o corpo separado do campo, pois, é em contato que se formam novas experiências.	O trabalho corporal objetiva integrar o corpo a experiência vivida, a <i>awareness</i> corporal implica em experienciar o mundo como um todo, e portanto, dotado de suporte corporal.
Serge Ginger	O corpo é caminho por onde fluem inúmeros fenômenos do Self.	O trabalho corporal é ativo e interativo. Tal processo é direcionado à Abertura límbica: a ação corporal, ou seja, a motricidade é a ferramenta que possibilita a <i>awareness</i> .
Frederick Perls	O corpo é indissociável ao Todo. É regido por instintos de autopreservação e possui a capacidade de se adaptar.	Terapia de Concentração: resgate do Eu.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da linha de construção teórica do conceito de corpo em cada autor, percebe-se similaridades entre aspectos constitutivos. Muitas das concepções de corpo derivaram dos alicerces e fundamentos lançados pelos precursores Frederick S. Perls e, principalmente, Laura Perls, que lançaram luz e abriram caminhos para se pensar no corpo e trabalho corporal em Gestalt-terapia. Laura Perls, ao postular que a maturidade consiste no movimento de sair da necessidade de apoio do ambiente para a autossustentação (Castanedo, 1992), abrange o corpo como aspecto

fundamental para obter autossuporte. Conceito este que é presente e basilar nas teorias posteriores como em Ruella Frank e Mônica Botelho Alvim, ademais, é perceptível que o enfoque, a forma de manejo e trabalho corporal no setting terapêutico se diferenciam nos autores abordados e derivam da singularidade presente em cada obra e construção teórica.

Para mais, muito se fala sobre o corpo ser o mecanismo, peça integrante e fundamental do Self, ou seja, o contínuo processo do Eu (Peixoto Junior, 2008). No entanto, a ênfase no corpo na Gestalt-terapia ainda é uma lacuna a ser preenchida, ou seja, ainda há poucos trabalhos desenvolvidos, apesar do crescente interesse nessas questões por diversos pensadores desde sua origem.

Apesar disso, é sabido que a comunicação corporal do cliente se apresenta como um sistema inteligente de expressões, onde é revelado sua autenticidade. Assim, o desenvolvimento de mais pesquisas relacionadas a essa temática, auxiliará em construções teóricas acerca do trabalho corporal e na práxis gestaltista, visto que, pensar tal arranjo, permeia por um vasto campo de possibilidades, assim, é a potencialidade terapêutica do movimento, do gesto, do sentido e do comportamento como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, M. B. Awareness: experiência e saber da experiência. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs.) **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2014.
- ALVIM, M. B. Experiência estética e corporeidade: fragmentos de um diálogo entre Gestalt-terapia, arte e fenomenologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 138-146, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844613014.pdf>. Acesso em: 5 maio 2022.
- ALVIM, M. B. O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**, v. 4, p. 27-55, 2016.
- ALVIM, M. B. O lugar do corpo em Gestalt-Terapia: dialogando com Merleau-Ponty. **Revista IGT na Rede**, v. 8, n. 15, p. 227-237, 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/IGTnarede/2011/vol8/no15/5.pdf>. Acesso em: 7 maio 2022.
- ALVIM, M. B.; RIBEIRO, J. P. O lugar da experimentação no trabalho clínico em Gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 37-58, 2009.
- BARDIM, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.
- BICUDO, M. A. V. Sobre a fenomenologia. Pesquisa qualitativa em educação. **Piracicaba: Unimep**, 1994, p. 15-22.
- COSTA, L. A.; FONSECA, T. M. G. Da diversidade: uma definição do conceito de subjetividade. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**, v. 42, n. 3, p. 513-519, 2008.
- CRESWELL, J. W. **Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2007.
- DAOLIO, J.; RIGONI, A. C. C.; ROBLE, O. J. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**, v. 23, p. 179-193, 2012.
- DUMONT, A.; PRETO, É. L. D. O. A visão filosófica do corpo. **Escritos sobre Educação**, v. 4, n. 2, p. 7-11, 2005.
- FRANCO, R. Corpo de consciência: Uma abordagem somática e de desenvolvimento para a psicoterapia. **Imprensa Gestalt**, 2013.
- FRANK, R. Alcançar e ser alcançado. **Revisão da Gestalt**, v. 4, n. 4, p. 301-318, 2000.
- FRANK, R. **As Raízes Corporais da Experiência em Psicoterapia**. Taylor & Francisco, 2022.
- FRANK, R. **Experiência em movimento: ressonância cinestésica como sensação relacional**, 2016.

- FRANK, R. **Il corpo consapevole**: un approccio somático ed evolutivo alla psicoterapia, 2005.
- FRANK, R. Incorporando a criatividade, desenvolvendo a experiência: o processo de terapia e sua base de desenvolvimento. **Em Creative License**, p. 181-200. Springer, Viena, 2003.
- FRANK, R. O corpo vivido: uma experiência de sentimento em movimento. **Revisão da Gestalt**, v. 25, n. 1, p. 11-30, 2021.
- FRANK, R.; LA BARRE, F. **O primeiro ano e o resto de sua vida**: Movimento, desenvolvimento e mudança psicoterapêutica. Routledge, 2011.
- FRANK, R.; ROBINE, J. M.; MILLER, M. V. **Movendo-se para a borda**. Em Workshop julho, p. 23-29, 2018.
- FURLAN, R.; BOCCHI, J. C. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, p. 445-450, 2003.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GINGER, S. **Gestalt**: a arte do contato: nova abordagem otimista das relações humanas. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GOLDSTEIN, K. **O organismo**: Uma abordagem holística da biologia derivada de dados patológicos no homem. Livros da Zona, 1995.
- HUMPHREY, K. Laura Perls: Um esboço biográfico. **Revista Gestalt**, 1986.
- KEPNER, J. I. **Proceso corporal**: Un enfoque Gestalt para el trabajo corporal en psicoterapia. Editorial El Manual Moderno, 2011.
- LUCCA, F. J. **A estrutura da transformação**: teoria, vivência e atitude em Gestalt-terapia à luz da sabedoria organísmica. Summus Editorial, 2012.
- LÜDORF, S. M. A.; VILAÇA, M. M. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea, 2010.
- MALUF, S. W. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 9, n. 9, p. 87-101, 2001.
- MAUSS, M. As técnicas corporais. **Sociologia e antropologia**, v. 2, p. 209-233, 1974.
- NÓBREGA, T. P. D. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 13, p. 141-148, 2008.
- OLIVEIRA, M. F. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

Administração. Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO, 2011.

PEIXOTO JUNIOR, C. A. Sobre a importância do corpo para a continuidade do ser. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 8, n. 4, p. 927-958. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000400005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 12 setembro 2022.

PERCEPÇÃO, F. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 1999.

PERLS, F. S. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. *In: A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*, 1977.

PERLS, F. S. **Ego, Fome E Agressão: Uma Revisão da Teoria e do Método de Freud**. Summus Editorial, 2002.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Summus Editorial, 1997.

PERLS, L. Discurso de abertura: 8ª Conferência Anual sobre a Teoria e Prática da Gestalt Terapia – 17 de maio de 1985. **Revista Gestalt**, 1986.

PERLS, L. Entendidos e mal entendidos da Gestalt Terapia. *In: Conferência de Laura Perls para o Congresso da Associação Europeia de Análise Transacional*, 1977.

PERLS, L. **Vivendo na fronteira: obras coletadas de Laura Perls**. Livraria Gestalt Journal Press, 1992.

REIS, A. C. **A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty**, 2011.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos**. Summus Editorial, 2021.

ROSENFFELD, E. Uma história oral da Gestalt-terapia: I. Uma conversa com Laura Perls. **Revista Gestalt**, 1978.

SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. W. Métodos de pesquisa nas relações sociais. *In: Métodos de pesquisa nas relações sociais*, p. 690-690, 2011.

SERLIN, I. A. Homenagem a Laura Perls. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 32, n. 3, p. 57-66, 1992.

SILVA, T. C. D.; BAPTISTA, C. S.; ALVIM, M. B. O contato na situação contemporânea: um olhar da clínica da Gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica: fenomenological Studies**, v. 21, n. 2, p. 193-201, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5414963>. Acesso em: 08 maio 2022.

TEIXEIRA, D. M. S.; MARQUES, Q. L. Teixeira, T. L. P. A awareness como objetivo da terapia



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

gestáltica e seus possíveis caminhos através da arte. **Repositório Universitário da Ânima (RUNA)**, 2021.